

ANÁLISE FUNCIONAL-TEXTUAL DA ABORDAGEM SOBRE CONJUNÇÕES EM LIVROS DIDÁTICOS DE ENSINO MÉDIO

Dennis Castanheira¹

Carolina de Aguiar Fernandes Caseira²

RESUMO: Este artigo visa a discutir a abordagem sobre as conjunções em livros didáticos de Ensino Médio nos capítulos de classes de palavras e orações coordenadas e subordinadas. Para isso, utilizamos três coleções aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2015 por meio de uma metodologia qualitativa. Além disso, partimos dos pressupostos teóricos da interface entre o Funcionalismo norte-americano, a Linguística de Texto e o ensino de línguas (CASTANHEIRA, 2017; 2020) para embasamento e definição dos aspectos analíticos norteadores do trabalho. Destacamos que nossos resultados demonstram que, embora tais livros já apresentem a inserção de discussões de grande relevância em sua composição, ainda é preciso que haja avanços, sobretudo, na construção de suas atividades.

Palavras-chave: conjunções; análise funcional-textual; ensino de português; livros didáticos

TEXTUAL-FUNCTIONAL ANALYSIS ON THE APPROACH OF CONJUNCTIONS ON HIGH SCHOOL'S TEXTBOOKS

ABSTRACT: This paper aims to discuss the approach of conjunctions on high school's textbooks in the chapters about word classes and coordinate and subordinate sentences. In order of doing so, we referred three collections approved by the National Program of Textbooks of 2015 through a qualitative methodology. Furthermore, we depart of theoretical assumptions in the interface among North-American Functionalism, Text Linguistics and Language Teaching (AUTOR, 2017; 2020) for theoretical basis and definition for analytical aspects that guide this paper. We highlight that our results demonstrate that, although these textbooks have already presented the insertion of great relevance discussions in their composition, it is still needed that improvements occur, mainly, in the activities' construction.

Key words: conjunctions; textual-functional analysis; Portuguese teaching; textbooks

¹ Doutor em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente, é Professor Substituto de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Professor de Língua Portuguesa e Corretor de Redação de escolas particulares. E-mail: dennisscastanheira@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>

² Licencianda em Letras Port/ Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integra o Grupo de Estudos Discurso & Gramática. E-mail: carolina.aguiar21@hotmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4501-7012>

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar a abordagem das conjunções em livros didáticos de Ensino Médio nos principais capítulos que abordam o tema. A análise é feita a partir da interface Funcionalismo e ensino (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016) e Texto e ensino (PAULIUKONIS; CAVALCANTE, 2018), proposta em Castanheira (2017; 2020).

A interface Funcionalismo, Texto e ensino possibilita abranger diversos aspectos teóricos na análise do material didático. Tais perspectivas têm como intuito auxiliar a aprendizagem dos alunos sobre as conjunções, pautando-se em conceitos como contextualização, desenvolvimento de leitura crítica e produção textual, ensino reflexivo, entre outros.

O *corpus* que compõe a pesquisa é formado por três coleções de livros didáticos de Ensino Médio, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2015, sendo analisados os capítulos de gramática que abordam as conjunções e as orações coordenadas e subordinadas. Considerando a perspectiva teórica e a revisão da literatura sobre o tema, foram elaborados três aspectos que nortearam a pesquisa na análise dos livros didáticos: a articulação de critérios (mórfico, semântico e funcional), o papel da conjunção na construção do texto e o trabalho com gênero textual, leitura e análise linguística.

Assim, o artigo é organizado da seguinte forma: primeiramente, apresentamos uma revisão da literatura sobre o tema, englobando a tradição gramatical, os estudos linguísticos e o ensino de português, posteriormente, elucidamos nossa abordagem teórica e nossa metodologia e, por fim, trazemos nossa análise, nossas considerações finais e nossas referências.

1. Ensino de conjunções: revisitando a literatura

Nesta seção, serão explicitados os conceitos e discussões sobre as conjunções e o seu ensino realizados em gramáticas tradicionais e em pesquisas linguísticas de diferentes vertentes, como Rocha Lima (1972), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Câmara Jr. (1970), Pinilla (2007), Moraes Pinto e Alonso (2012) e Castanheira (2017), com o objetivo de realizar um panorama sobre o tema.

Primeiramente, focalizaremos a visão tradicional da gramática sobre o assunto. Rocha Lima (1972) define as conjunções como palavras que se relacionam entre si, criando uma

relação entre elementos de natureza semelhante ou diversa. Para o autor, há as conjunções da primeira categoria, classificadas como coordenativas, e as da segunda, classificadas como subordinativas. De acordo com o autor, as conjunções coordenativas também possuem a qualidade de ligar termos de mesma natureza gramatical.

Já para Cunha & Cintra (2001), as conjunções são consideradas vocábulos gramaticais que estabelecem relação entre duas orações ou dois termos semelhantes. Elas são classificadas como coordenativas, quando estabelecem ligação com termos ou sentenças de mesma função gramatical, e subordinativas, quando “ligam sentenças em que uma determina ou completa o sentido da outra” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 593).

De acordo com Bechara (2009), as conjunções têm por objetivo relacionar sentenças, dependentes ou independentes, em um mesmo período ou unidades menores, desde que tenham o mesmo valor funcional dentro do enunciado. Na perspectiva do autor, as conjunções são classificadas como conectores, quando as orações são independentes e as conjunções coordenativas mantêm as funções do enunciado, e transpositores, quando as orações são dependentes e as conjunções subordinativas transformam a função do enunciado em uma palavra.

Realizando uma comparação entre as elucidações dos autores, é perceptível que as conjunções são tidas como elementos que ligam e ajudam a estabelecer relações entre termos e orações, sejam eles independentes ou dependentes. Divergências, contudo, são encontradas nas discussões sobre conectivos na proposta de Cunha & Cintra (2001) pela comparação entre as construções das orações e dos nomes e de Bechara (2009) na classificação das conjunções em conectores ou transpositores.

Já no campo da Linguística, as conjunções e as aplicações das classes de palavras de forma ampla ao ensino também têm sido estudadas. Destacaremos alguns desses trabalhos, tendo como base, dentre outros, a discussão feita por Câmara Jr. (1970) na elaboração de critérios para a classificação das classes de palavras e o trabalho de Moraes Pinto e Alonso (2012) sobre o acréscimo de um critério textual nessa discussão.

Câmara Jr. (1970) critica a forma como as classes de palavras são classificadas, por considerar que são usados critérios não homogêneos e hierarquizados. Ele explicita três critérios classificatórios para as classes de palavras: o critério semântico, o critério mórfico e o critério funcional. O primeiro analisa a relação de sentido que é estabelecida entre o vocábulo e a alteração feita por ele na realidade da língua. O segundo, considerando a natureza formal da classe, explora as propriedades gramaticais que apresentam. O terceiro,

influenciado pela gramática descritiva norte-americana, verifica “a função ou papel que cabe ao vocábulo na sentença” (CÂMARA JR., 1970, p. 44).

Além disso, a Linguística também tem se dedicado a estudar como essa temática pode ser explorada em sala de aula. Conforme explicitado por Pinilla (2007), por meio da pesquisa de Neves (1990), as classes de palavras são um tema de grande importância dentro das aulas de português, mas os critérios aplicados são ora desorganizados, ora ausentes. Para Pinilla (2007), os critérios que devem ser considerados precisam abranger as características sintáticas, morfológicas e os traços de significado.

A autora realiza um compilado de estudos sobre as análises de gramáticas e livros didáticos sobre o tema das classes de palavras e, ao observar as definições dos livros didáticos, percebe uma preferência pelo critério semântico, com menor foco no critério morfológico e no critério funcional. Diante disso, Pinilla (2007) defende que, para conseguir agrupar as semelhanças geradas pela forma, sentido e função das palavras, é necessário utilizar em sua classificação os critérios elaborados por Câmara Jr. (1970), sendo eles os critérios semântico, morfológico e funcional.

Pinilla (2007), citando Oliveira *et al.* (1977), demonstra como as classes de palavras podem ser definidas usando tais critérios. Nosso objeto de estudo, as conjunções, são colocadas no grupo dos conectivos junto às preposições. Para Pinilla (2007), eles podem ser classificados como termos que funcionam como elemento de ligação entre palavras e orações, formadas por morfema gramatical e que indicam origem, posse, finalidade, etc.

Debruçando-se sobre temática semelhante, Moraes Pinto e Alonso (2012) discorrem sobre a temática da motivação e da classificação das classes de palavras, considerando a importância que elas recebem no ensino básico. As autoras defendem que, no ensino desse tema, deve haver um equilíbrio entre a tendência conservadora, de focar no ensino a partir da metalinguagem, e a tendência inovadora, de dar ênfase ao estudo por meio do texto. Logo, a prática de aprendizagem deve levar em consideração a gramática como utensílio facilitador da construção textual e objeto reflexivo das classes de palavras e o estudo do texto, no intuito de contextualizar a gramática e refletir sobre os usos da língua dentro de produções textuais reais.

Para as autoras, no ensino das classes de palavras, não se deve omitir o uso da língua; portanto, deve ser feita a utilização da diversidade dos gêneros textuais para trabalhar com a gramática sendo aplicada no texto. Assim, junto a um estudo reflexivo das classes de palavras, tais práticas auxiliam a formação de um leitor e um produtor de texto mais apto. Essa proposta

está ligada ao que as autoras denominaram como critério textual e deve ser usada no ensino desses elementos.

Moraes Pinto e Alonso (2012) recorrem, ainda, ao conceito de prototipicidade para discutir estratégias para o ensino de classes de palavras. De acordo com as pesquisadoras, dentro de uma mesma categoria, há membros mais, ou menos, prototípicos, distribuídos a partir de alguns critérios, como a frequência. Tal conceito é ligado a uma perspectiva não linear e não discreta, considerando, então, as categorias como flexíveis e instáveis.

Sendo assim, na perspectiva de Moraes Pinto e Alonso (2012), no estudo de classes de palavras, devem ser considerados os critérios mórfico, funcional, semântico e textual a partir da centralidade categorial de cada classe, considerando a prototipicidade contida dentro de cada classificação e a variação de elementos centrais para radiais de acordo com os contextos reais de uso.

Outro trabalho de importante relevância é Freitas (2015). Segundo a autora, os elementos conectores, como as conjunções, atuam na construção coesiva dos textos, além de apresentarem papéis discursivo-argumentativos dentro dos processos de leitura e produção textual. O entendimento de tais características é necessário para preparar os alunos para entenderem os valores semânticos adquiridos por essas estruturas e se apropriarem de suas diferentes funções para atingir o sentido pretendido.

Em análise de livros didáticos de Ensino Fundamental II, Freitas (2015) atesta que as relações criadas pelas conjunções passam despercebidas na perspectiva da construção da coesão textual, da coerência e das realizações comunicativas, sendo geralmente lembradas no momento de classificar orações e suas respectivas conjunções. Tal recurso de conexão é visto mais facilmente quando os conectores são reconhecidos pela sua orientação discursivo-argumentativa e pela criação da relação semântica.

Diante das discussões estabelecidas nesta seção, podemos perceber que a temática das conjunções é bastante ampla e rica. Com isso, em nossa pesquisa, discutiremos sua abordagem nos livros didáticos a partir de alguns aspectos ligados a esses trabalhos, como a mistura de critérios em sua definição e seu papel na construção textual. Para isso, seguiremos alguns pressupostos teóricos, devidamente apresentados na próxima seção.

2. Funcionalismo, texto e ensino

Segundo Castanheira (2017; 2020), a interface entre o Funcionalismo norte-americano, a Linguística de Texto e o ensino de línguas está relacionada ao entrelaçamento dos

pressupostos teóricos basilares das duas teorias e da sua relação com o ensino. Para o autor, essas duas abordagens estão diretamente vinculadas, pois fazem parte um mesmo polo linguístico, visto que analisam a língua a partir de seus contextos reais de uso, focalizando questões gramaticais e discursivas.

Para Givón (1990; 1995), a Linguística Funcional entende a linguagem como um meio de interação social, em que, a partir do contexto discursivo, a língua é analisada com o objetivo de compreender suas regularidades e tendências. Assim, é possível dizer que, numa abordagem funcional, a linguagem não é suficiente em si e, por isso, as suas funções devem ser analisadas.

Oliveira e Wilson (2003) e Furtado da Cunha e Tavares (2016) apresentam questões basilares para relação entre o Funcionalismo e o ensino de línguas. Para as autoras, um ensino em perspectiva funcional envolve o estudo da gramática como uma questão emergente e suscetível a adaptações e mudanças diante da situação comunicativa. Assim, o conceito de contexto é essencial na prática em sala de aula. Nessa visão, as formas linguísticas devem ser ensinadas a partir de uma abordagem pragmática e pautada na simbiose discurso e gramática.

A Linguística de Texto também é uma abordagem que considera a linguagem como uma questão social e discursiva. Van Dijk (2006) defende que o contexto é um conceito central para essa teoria e que o texto deve ser analisado sob um ponto de vista social, cognitivo e interacional. Dessa forma, questões discursivas são atreladas a discussões gramaticais e mentais.

A relação dessa teoria com o ensino tem sido bem mais explorada nos estudos linguísticos do que o Funcionalismo e apresenta alguns aspectos centrais. Santos, Riche e Teixeira (2012) e Pauliukonis e Cavalcante (2018), por exemplo, defendem que o texto é o objeto central do ensino de línguas e que seu conceito deve ser considerado para além da capacidade da escrita formal. Para as autoras, é preciso considerar diversos fatores, como o gênero textual, a modalidade e as tipologias presentes em cada texto.

Castanheira (2020) defende que essas visões estão diretamente relacionadas, visto que ambas as teorias apresentam discussões basilares semelhantes e que suas diferenças estão na focalização de seus estudos. O Funcionalismo norte-americano, por exemplo, discute questões de mudança linguística e a Linguística de Texto tende a focalizar mais aspectos da tessitura textual. Isso não significa, porém, que tais abordagens não possam dialogar e se relacionar.

Dessa forma, de acordo com Castanheira (2020), essa interface, apesar de ser pouco explorada na Linguística, é bastante produtiva. O autor defende que, nessa perspectiva, o foco dos estudos são as situações comunicativas reais em que a língua é usada e, para isso, devem

ser analisados os fatores contextuais envolvidos, como o gênero e o suporte textuais. Assim, uma análise funcional-textual/ textual-funcional envolve discussões gramaticais a partir de seus efeitos de sentido e de seus padrões estruturais visando a relacioná-los à situação pragmática em que eles estão inseridos.

A relação dessa questão com o ensino implica considerar que, no processo de escolarização, o aluno necessita desenvolver as habilidades de leitura crítica e produção textual, por meio do uso de seus conhecimentos prévios e da análise gramatical. Por isso, o texto deve ser visto como um processo resultante das situações sociais, culturais e históricas e os gêneros textuais devem ser trabalhados em sala de aula, levando em consideração também a sua intencionalidade.

Para Castanheira (2017; 2020) tal abordagem está diretamente às práticas de linguagem, defendidas por Geraldi (1984) e revisitadas e (re)discutidas por diversos autores posteriormente e pelas diretrizes oficiais para o ensino, sobretudo pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Elas podem ser caracterizadas, de forma geral, como (a) leitura – ensino da efetiva compreensão textual em diferentes níveis de leitura; (b) análise linguística – ensino contextualizado de gramática, considerando seus efeitos de sentido; (c) produção textual – ensino de produção de textos de diversas naturezas, muitas vezes vinculado à sua reelaboração.

Tais práticas devem ser, sempre que possível, integradas a partir de uma perspectiva que considere interpretação de texto, gramática e produção (oral e/ou escrita). O ensino, nessa visão, tem como alicerce a reflexão sobre a língua pautada em usos reais devidamente contextualizados. Dessa forma, o ensino de leitura vai além de questões pautada no sentido verdadeiro do texto, focalizando, na verdade, os seus múltiplos sentidos possíveis, o ensino de gramática envolve, além de exposições e exercícios sobre aspectos metalinguísticos, a reflexão baseada nas relações textuais e o ensino de produção textual expande a abordagem esquemática e estrutural dos gêneros, englobando, então, sua funcionalidade.

Sendo assim, podemos dizer que essa abordagem defende o trabalho com uma perspectiva simbiótica entre o discurso e a gramática a partir de atividades de leitura, análise linguística e produção textual por meio de gêneros textuais orais e escritos. Dessa forma, ao pensar o ensino de línguas como um processo interacional, há a possibilidade de explorar, de maneira eficiente, os gêneros textuais, considerando seu contexto histórico e social, bem como trabalhar a coesão e coerência de forma conjunta, indo além da superfície textual.

3. Metodologia e *corpus*

Na pesquisa, foram analisadas três coleções de livros didáticos, no intuito de averiguar, qualitativamente, a abordagem das conjunções nos capítulos sobre classes de palavras e orações coordenadas e subordinadas. As coleções de livros didáticos são “Português: contexto, interlocução e sentido” (Coleção 1), de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, “Português: língua e cultura” (Coleção 2), de Carlos Alberto Faraco, e “Português: linguagens em conexão” (Coleção 3), de Graça Sette, Márcia Travalha e Rozário Starling, selecionadas por fazerem parte do catálogo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2015.

Vale destacar que, como aponta Stray (1993), o livro didático é produzido culturalmente no encontro entre pedagogia, produção editorial e sociedade. Assim, o livro é um mediador entre o aluno e o conhecimento, levando-o a absorver melhor as informações. Atualmente, com um papel central no Brasil, o livro didático é caracterizado pela sua multimodalidade e por materiais, como mapas, enciclopédias e CDs (FREITAS; RODRIGUES, 2008), bem como versões digitalizadas disponibilizadas para os alunos.

No Brasil, os livros didáticos são avaliados e aprovados pelo PNLD, que tem como intuito avaliar e disponibilizar uma lista de obras didáticas que auxiliem na prática educativa de maneira sistêmica, regular e gratuita a todas as instituições educacionais. O PNLD é responsável pela avaliação do material educacional de diversas disciplinas e segmentos, dentre os quais o recorte trazido nesta investigação: materiais de língua portuguesa do Ensino Médio.

Diante da amostra de livros montada, utilizamos, como base, para definição dos aspectos analísticos desta pesquisa os trabalhos de Câmara Jr. (1970), Pinilla (2007), Moraes Pinto e Alonso (2012) e Castanheira (2017), pois tais investigações apresentam propostas/ análises/ discussões sobre o tratamento das classes de palavras e do seu ensino. Sendo assim, selecionamos três questões norteadoras para a nossa análise: a articulação dos critérios mórfico, semântico e funcional, o papel da conjunção na construção do texto e o trabalho com gênero textual, leitura e análise linguística.

Buscaremos analisá-los nos livros didáticos para que possamos traçar tendências de abordagem dos materiais em relação às conjunções nos capítulos destinados a essa classe e também naqueles sobre orações coordenadas e subordinadas, tendo em vista que tais temas estão diretamente relacionados a elas. Destacamos, ainda, que, a partir disso, pretendemos obter melhor compreensão sobre o ensino de conjunções e o que ainda precisa ser feito para que essa abordagem melhore, conforme discutiremos na próxima seção.

4. Análise

4.1. Articulação dos critérios mórfico, semântico e funcional

O primeiro aspecto que norteia a nossa análise é a articulação de critérios, mais especificamente, o mórfico, o semântico e o funcional. Para isso, analisamos, nos livros didáticos como era o tratamento dessa questão, considerando as elucidações de Câmara Jr. (1970) e Pinilla (2007).

A nossa hipótese sobre tal fator é de que os livros didáticos abordariam as conjunções a partir desses critérios nas definições, mas não explorariam, de forma sistemática, nos exercícios, visto que Castanheira e Sant’Anna (2018) verificaram tal resultado nos livros didáticos em relação aos advérbios.

Na Coleção 1, os livros didáticos utilizam os critérios semântico, funcional e mórfico para definir as conjunções e exemplificar as orações coordenadas sindéticas, ao dizerem, por exemplo, que “conjunções são palavras invariáveis que conectam orações, estabelecendo entre elas uma relação de subordinação (dependência) ou de simples coordenação” (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 312) e “estabelecendo (...) relações de sentido específicas” (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2013, p. 312).

No entanto, em seus exercícios, são utilizados apenas os critérios semântico e funcional nos estudos das conjunções e do período composto. Como exemplo, podemos citar a utilização de uma tirinha da Magali, personagem da Turma da Mônica, na qual a personagem está fazendo um piquenique sozinha e sendo observada por uma formiga e um urubu. A formiga fala para o urubu “Simbora que não vai sobrar nem migalha!”, fazendo uma referência ao fato de a Magali comer até as migalhas da comida. Nas perguntas que seguem a tirinha, são feitas questões sobre a relação criada pela conjunção entre as orações e a ideia que a conjunção estabelece quando usada, além de ser pedido para identificá-la. Ou seja, são apenas considerados aspectos semânticos e sintáticos, sem considerar a nuance mórfica.

Na Coleção 2, os livros didáticos usam os critérios funcional e semântico para definir as conjunções, “As conjunções e as preposições constituem classes fechadas (*raramente surge uma nova*) – característica que não é difícil de entender: elas não são propriamente palavras nocionais, mas funcionais, isto é, elas são os grandes *conectores sintáticos da língua*.” (FARACO, 2013, p. 232).

No entanto, na exemplificação sobre as conjunções, é usado apenas o critério funcional a partir de exemplos com orações coordenadas sindéticas e subordinadas adverbiais. Já em seus exercícios não é trabalhado nenhum critério, como pode ser visto em uma atividade após a explicação do que são as conjunções. Nela é pedido que o aluno classifique as palavras de dois enunciados, retirados de jornais, de acordo com as classes de palavras. Essa questão não considera as suas principais características, apenas adotando uma abordagem classificatória, reunida, vale dizer, com todas as classes de palavras.

Na Coleção 3, o livro didático utiliza os critérios mórfico, semântico e funcional nas definições de conjunções.

A conjunção é uma classe de palavras fechada, com número limitado de palavras. Só apresenta sentido no texto e não tem referente no mundo extralinguístico. Invariável, a conjunção não é flexionável. No texto, as conjunções e locuções conjuntivas ligam orações, períodos e parágrafos, ajudando a estabelecer relações, articular ideias e informações e a construir a coesão textual, ou seja, conectar ideias. (SETTE; TRAVALHA; STARLING, 2013, p. 193).

É perceptível que a definição dada pelo material é bem completa e contempla as diferentes especificidades dessa classe em relação a tais critérios.

Já nos exercícios, a coleção trabalha com as conjunções usando os critérios funcional e semântico, com questões que trabalham a importância das conjunções para construção da coesão e da coerência textual, das relações estabelecidas com os seus usos e como diferentes conjunções podem exercer a mesma função.

Diante das discussões apresentadas, podemos dizer que a nossa hipótese foi confirmada, visto que, efetivamente, nas conjunções, há a maior articulação entre os critérios mórfico, semântico e funcional, mas, nos exercícios, tal questão é colocada em segundo plano. Isso demonstra que as mesmas tendências encontradas para os advérbios foram vistas para as conjunções.

4.2. O papel da conjunção na construção do texto

O segundo aspecto que guia a nossa pesquisa é a abordagem sobre o papel das conjunções na construção dos textos. Essa discussão está diretamente atrelada a debates estabelecidos no âmbito da Linguística de Texto e, conseqüentemente, da análise funcional-

textual, visto que tais elementos são extremamente importantes para construção coesiva, ligando palavras, frases e parágrafos.

Com isso, nosso foco, nesta subseção, é analisar se os livros didáticos abordam as conjunções como parte relevante da elaboração do texto. A nossa hipótese sobre tal fator é de que os livros didáticos ainda não consideram as conjunções como elementos constitutivos da construção textual, tendo em vista os resultados encontrados por Freitas (2015) em relação a livros didáticos do Ensino Fundamental II.

Na Coleção 1, os livros didáticos mostram o papel da conjunção para a construção da coesão e da coerência no item “A organização das orações coordenadas”, ao utilizarem as conjunções para explicar uma questão de coesão e coerência, assim como no item “Usos do período composto”. Além disso, também destacam tal papel no tópico “Usos da conjunção para estabelecer a coesão sequencial”, ao mostrar um texto e explicitar as conjunções presentes nele e como elas fazem sua construção sequencial.

Para isso, usam um texto publicado na Folha de São Paulo, “‘Aos Treze’ mostra que é impossível ser só legal e sobreviver”, em que são evidenciadas todas as conjunções presentes no trecho exposto e são esclarecidas as relações que elas estabelecem ao ligarem duas estruturas, a sua funcionalidade na coesão sequencial e, caso elas tenham mudado seu sentido habitual, o seu novo sentido.

Já na Coleção 3, os livros didáticos em seus exercícios, na parte designada para questões de vestibular, trabalham como as conjunções constroem a coesão e a coerência no texto a partir de uma questão de produção textual. Nela, é pedido que o aluno conecte três frases por meio das conjunções, fazendo as alterações necessárias nos verbos para que o texto não perca a coesão nem a coerência, o que faz o aluno exercitar e compreender melhor o uso das conjunções para a construção de sentido dentro do texto.

Também é abordada essa temática em uma questão de múltipla escolha. Nela, é solicitado que o aluno identifique como a coesão de um texto sobre o autor Manuel Bandeira é construída. É interessante destacar que, ao fazer isso, são trazidos assuntos, como uso de sinônimos, repetição de palavras, uso de pronomes e emprego de expressões sequenciais. Ou seja, há uma discussão mais ampla sobre a coesão em tal questão, situando as conjunções como um mecanismo possível nesse processo.

Diante desses resultados, podemos dizer que, nas coleções 1 e 3, há discussões sobre o papel das conjunções na tessitura textual, mesmo que não sejam o grande foco dos capítulos analisados. Destacamos, contudo, que a coleção 2 não abordou tal temática. Sendo assim,

nossa hipótese inicial foi refutada, dado que os livros didáticos já inserem essas discussões em seus materiais, mesmo que de forma não categórica.

4.3. O trabalho com gênero textual, leitura e análise linguística

O terceiro aspecto que norteia a nossa pesquisa é o trabalho com gênero textual, leitura e análise linguística. Nesse fator, analisamos se os gêneros textuais são abordados de maneira contextualizada, não sendo usados apenas como um mero pretexto para exercícios de metalinguagem. Sendo assim, queremos observar se eles são considerados como objeto de ensino no tratamento desse tema, aliados à leitura e à análise linguística, ou seja, a questões sobre interpretação e sobre o papel da gramática no texto.

A nossa hipótese é que os manuais didáticos não abordariam as conjunções trabalhando efetivamente com os gêneros e os efeitos de sentido, tendo em vista que, no trabalho de Castanheira e Sant’Anna (2018), foi atestado que isso não ocorre em relação aos advérbios, o que poderia ser uma tendência de tratamento em relação às classes de palavras. Vale dizer que, desde os PCN, tal debate foi popularizado, mas os materiais didáticos, no geral, não conseguem abordá-lo de forma satisfatória.

Na Coleção 1, o livro didático trabalha, de forma geral, com textos pertencentes a diversos gêneros textuais, em sua maioria descontextualizados, usando-os apenas como um pretexto para explicar as conjunções. Mesmo trabalhando com atividades de interpretação de texto, não há ligação com a gramática, apenas pedindo para identificar e classificar os elementos, sem realmente necessitar entender o porquê de tais segmentos estarem próximos ou afastados, qual a sua função ou quais sentidos eles produzem dentro do texto, faltando, assim, elementos da análise linguística.

É preciso destacar, porém, que o material didático trabalha com uma música, “À primeira vista”, de Chico César, na qual é demonstrado como a conjunção “quando” é de extrema relevância para compor a sequência dentro do gênero e, de alguma forma, do próprio gênero, principalmente, pela repetição em diversos versos, marcando seu ritmo.

É realçada pelo material didático a intencionalidade da estrutura sintática para obter um efeito de sentido único e explicitado como esse efeito altera a percepção do leitor sobre a música. Sendo assim, nesse caso, o texto não é trabalhado de maneira descontextualizado e o gênero não é abordado como pretexto.

Já nas coleções 2 e 3 não ocorre um trabalho efetivo com gênero textual, leitura e análise linguística. Destacamos que, ao juntarmos os gêneros dos textos usados nas três

coleções para discutir as conjunções, encontramos: cartum, tirinha, reportagem, poema, propaganda, romance e letra de música. Na imensa maioria, o texto serve apenas como um ponto de partida para a abordagem do tema e não é considerado para um ensino crítico e contextualizado de leitura e gramática.

Sendo assim, podemos dizer que a nossa hipótese foi confirmada, pois, de forma geral, os livros não abordam os gêneros como objeto, integrando-os à leitura e à análise linguística. Pelo contrário, os textos são apenas pretextos para outros focos, como a identificação, a apresentação, a classificação ou a sistematização da temática, o que demonstra, ainda, que as tendências vistas para os advérbios se repetem em relação às conjunções.

4.4. Panorama analítico

No intuito de explicitar melhor o que foi abordado e efetivamente trabalhado em cada coleção, elaboramos o seguinte panorama:

Aspectos analíticos	Coleção 1	Coleção 2	Coleção 3
Articulação dos critérios	Aborda os três critérios na definição, mas não aborda o critério mórfico na explicação e nos exercícios.	Não aborda os três critérios na definição nem nos exercícios.	Aborda os três critérios na definição, mas, nas exemplificações, só é utilizado o critério semântico e, nos exercícios, só são contemplados os critérios funcional e semântico.
Construção do texto	É explicitado como as conjunções constroem a coesão e a coerência.	Não é abordado	É explicitado como as conjunções constroem a coesão e a coerência.
Gênero textual, leitura e análise linguística	Trabalha efetivamente as conjunções no gênero letra de música.	Não é abordado	Não é abordado

Diante desse panorama, é possível observar e comparar como cada fator é abordado dentro de cada coleção. Na primeira coleção, todos os fatores são abordados, apesar de o fator da articulação dos critérios demonstrar que o critério mórfico não é trabalhado na explicação das conjunções e nem nos exercícios.

Por outro lado, na segunda coleção, não são utilizados os critérios na definição das conjunções e nem nos exercícios, como também os fatores 2 e 3, a construção do texto e o gênero textual, leitura e análise linguística, não são trabalhados pelo livro didático. Na terceira coleção, são trabalhados os fatores de articulação de critérios, apesar de não utilizar o critério funcional e mórfico nas exemplificações e o critério mórfico nos exercícios, e da articulação de texto, mas o fator de gênero textual, leitura e análise linguística não é trabalhado.

Considerações finais

Esta pesquisa tem o intuito de averiguar a abordagem das conjunções em livros didáticos, tendo como perspectiva teórica a interface Funcionalismo, Texto e ensino (CASTANHEIRA, 2017; 2020). Acerca dos nossos resultados, podemos dizer que algumas de nossas hipóteses foram confirmadas e outra foi refutada e, de forma geral, é possível afirmar que os livros didáticos abordam as conjunções ainda sem considerar, de forma efetiva, o trabalho com gênero, a leitura e a análise linguística, porém, de alguma forma, já inserem discussões sobre os critérios mórfico, funcional e semântico e o seu papel na construção textual.

Com isso, acreditamos que esta investigação conseguiu perceber algumas tendências de abordagem desse tema em tais livros e que, com isso, constatamos que ainda há a necessidade de haver avanços, sobretudo, nos exercícios propostos nos materiais. Além disso, destacamos que, em novas etapas da pesquisa, expandiremos tal análise para o PNLD de 2018 para que possamos observar em que medida houve um avanço diante de novas edições de livros didáticos e/ou de coleções aprovadas em uma nova edição do programa.

REFERÊNCIAS

ABURRE, M. L.; ABURRE, M. B.; PONTARA, M. *Português: contexto, interlocução e sentido*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013. Obra em três volumes.
BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CASTANHEIRA, D. *Uso de adverbiais modalizadores e sua abordagem em livros didáticos de ensino médio: reflexões e propostas de atividades*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- _____. *Anáforas encapsuladoras e construção do gênero entrevista: análise textual-funcional*. 2020. 235 f. Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- _____.; SANT'ANNA, H. Adverbiais em livros didáticos: critérios e tendências de abordagem. *Linguística Rio*, v. 4, p. 125-134, 2018.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3a ed..2001.
- FARACO, C. A. *Português: língua e cultura*. 3. ed. Curitiba: Base editorial, 2013. Obra em três volumes.
- FREITAS, C. L. *A abordagem dos mecanismos de coesão sequencial pela conexão em livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental II: o caso das conjunções*. Dissertação de Mestrado em PROFLETRAS. Ilhéus, BA: UESC, 2015. 101 f.
- FREITAS, N; RODRIGUES, M. H. O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo. *DAPesquisa*, Florianópolis, v. 3, n.5, p. 300-307, ago. 2008.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. . Linguística Funcional e ensino de gramática. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Maria Alice Tavares. (Org.). *Funcionalismo e ensino de gramática*. NATAL: EDUFRN, 2016, p. 13-51.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- _____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- MORAES PINTO, D.; ALONSO, K. S. Advérbios e o ensino de classes de palavras. In: PALOMANES, R.; BRAVIN, A. (org.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012. p.165-190.
- PAULIUKONIS, A. L.; CAVALCANTE, M. M. . *Texto e Ensino*. Natal: SEDIS – UFRN, 2018.
- PINILLA, M. A. Classes de palavras. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.169-183.
- ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

SANTOS, L. W.; RICHE, R. C. TEIXEIRA, C. S. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012

SETTE, G.; TRAVALHA, M.; STARLING, R. *Português: linguagens em conexão*. São Paulo: Leya. Obra em três volumes.

STRAY, C. Quia Nominor Leo: Vers une sociologie historique du manuel. In: CHOPPIN, A. (org.) Histoire de l'éducation. n° 58 (numéro spécial). *Manuels scolaires, États et sociétés*. XIXe-XXe siècles, Ed. INRP, 1993.

VAN DIJK, T. Discourse, context and cognition. *Discourse Studies*, 8(1), 159-177, 2006.

Enviado em: 20 de maio de 2020.

Aceito em: 25 de junho de 2020.